

Análise de discurso em comentários a *cibernotícias*: possíveis significações por trás dos discursos dos sujeitos virtuais

***Discourse analysis in comments on cybernotes: possible significations behind
the discussions of the virtual subjects***

Ana Cláudia Pimenta

Graduanda do 6º período do curso de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).
E-mail: anaclaudiapepper@gmail.com

Héllen Cássia Miranda Chagas

Graduanda do 6º período do curso de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).
E-mail: hellenmirandac@gmail.com

Rayane Magalhães Moreira

Graduanda do 6º período do curso de Letras do Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM).
E-mail: rayanemm@unipam.edu.br

Dra. Patrícia de Brito Rocha

Professora orientadora - Centro Universitário de Patos de Minas (UNIPAM)
E-mail: patriciabr@unipam.edu.br

Resumo: O presente artigo teve por objetivo levantar as possíveis significações existentes nos discursos dos sujeitos virtuais, amparando-se nos princípios e procedimentos da Análise de Discurso articulados por autores como Pêcheux e Orlandi. Partindo da hipótese de que o ciberespaço, ao se mostrar como um ambiente propício à integração de dizeres plurais, estabelece novos parâmetros de comunicação, criando novas intenções, novos sujeitos e novos perfis de discurso, o presente estudo se materializou diante da importância de se analisar os dizeres desses sujeitos nascidos e criados no fértil solo virtual. A fundamentação teórica e os discursos extraídos dos comentários às *cibernotícias* em destaque no site UOL constataram que os discursos materializados no ambiente virtual ilustram bem que o dizer está, de fato, muito mais subordinado às condições em que é produzido e muito mais intimamente ligado a outros dizeres e a outros determinantes externos que às vontades e antecipações do sujeito. O referido estudo atentou para a imprescindibilidade de se fazerem mais pesquisas, análises e observações referentes ao espaço virtual sob a perspectiva teórica da AD, já que o ciberespaço se mostrou realmente um território mais que propício ao exercício da comunicação. A realização desta pesquisa, portanto, expôs a necessidade de se desenvolverem mais estudos sobre o ciberespaço e os sujeitos virtuais.

Palavras-chave: Discurso. Ciberespaço. Sujeito Virtual. Ideologia.

Abstract: The present article had the objective of raising the possible meanings existing in the discourses of the virtual subjects, based on DA's principles and procedures, systematized by

authors like Pêcheux and Orlandi. Starting from the hypothesis that cyberspace, by showing itself as a fertile environment to the integration of plural speeches, establishes new communication parameters by creating new intensions, new subjects and new profiles of discourse, the present study was materialized before the importance of analyzing the words of these subjects born and raised in the fertile virtual soil. The theoretical basis and the discourses extracted from the comments on cybernotes featured in the site UOL verified that the discourses materialized in the virtual environment illustrate well that the saying is, indeed, much more subordinated to the conditions in which it is produced and much more closely related to others sayings and other external determinants than to the wills and anticipations of the subject. This study draws attention on the necessity of doing more research, analysis and observations regarding the virtual space from the theoretical perspective of the DA, since cyberspace has shown itself as a very fertile territory to the exercise of communication. The conduction of this research, therefore, exposed the need to develop further studies on cyberspace and virtual subjects.

Keywords: Speech. Cyberspace. Virtual Subject. Ideology.

1 Considerações iniciais

A análise de discurso é uma tendência linguística que surgiu nas décadas de 50 e 60 do século XX e que pontua que a linguagem como discurso não é neutra e tão pouco inocente, sendo, na verdade, um modo de produção social, uma combinação entre fenômenos linguísticos e processos ideológicos. Afastando, assim, essa aparente inocência, é possível observar a zona de conflito da ideologia, situação determinante e fundamental ao estudo da linguagem, com base em suas condições de produção, levando-se em consideração o contexto histórico-social de quem a utiliza.

Buscando a fundamentação de uma estrutura sólida para a compreensão do sujeito no discurso, determinando a nova perspectiva deste como ocupante de uma posição privilegiada e colocando a linguagem como o lugar da constituição da subjetividade, tem-se a abordagem francesa da Análise de discurso, que parte da lógica de uma relação necessária entre o dizer e as condições de produção desse dizer (ORLANDI, 1999), privilegiando a exterioridade da linguagem como marca fundamental e considerando, assim, dois enfoques: a reflexão sobre a exterioridade dos textos – a relacionando estes com suas condições sociais e históricas de produção – e o papel do sujeito no processo de enunciação: sua posição como locutor em um determinado lugar de fala.

O advento da tecnologia e das interações sociais via internet estabeleceu novos parâmetros de comunicação. Essas novas interações sociais travadas no meio virtual, por meio de sites, blogs, canais de notícias e afins, acabam por criar novas linguagens, novas intenções, novos dizeres, novos sujeitos e, portanto, novos perfis de discurso. Assim, os sujeitos e os discursos nascidos e criados no solo fértil dos comentários às *cibernotícias* são objeto de estudo do artigo em questão, já que, considerando esses novos parâmetros na comunicação e na linguagem, há que se notar a possibilidade de análise sob a perspectiva do discurso, bem como nota-se a necessidade de estudo e de pesquisa da comunicação mediada por comentários em páginas de notícias. Assim, a partir dos procedimentos e princípios da Análise do Discurso (AD), este trabalho

buscou identificar as possíveis significações por trás dos dizeres dos sujeitos virtuais, voltando a atenção ao ciberespaço, visto que este é um ambiente com grandiosa capacidade integradora de diversas vozes.

Finalmente, devidamente amparado pelas teorias abordadas sob a AD articulada por autores como Pêcheux e Orlandi, este artigo teve por objetivo fazer uma análise do processo de significação do discurso nas interações sociais virtuais, especificamente em comentários às *cibernetícias*, identificando (ou tentando identificar) quais são os possíveis significados por trás do dizer, considerando sempre o imaginário e as condições de produção do discurso. Assim, o estudo procurou verificar as tentativas de projeção e de intenção dos sujeitos virtuais, destacando o fundo social, histórico e ideológico que ampara o discurso e observando, sempre que possível, os mecanismos utilizados pelo sujeito virtual na sua tentativa de se significar.

2 Referencial teórico

O referencial teórico do presente estudo percorreu um trajeto composto pelos princípios básicos da Análise de Discurso Francesa (AD), expondo as teorias e proposições mais relevantes para a realização deste trabalho. As seções a seguir, portanto, traçam as especificidades dessa perspectiva teórica, abordando os pontos mais pertinentes da AD para esta pesquisa. Além disso, houve a preocupação de se esclarecerem determinados conceitos sobre ciberespaço, termo que designa o ambiente virtual e intitula uma das obras mais influentes de Lévy (1999).

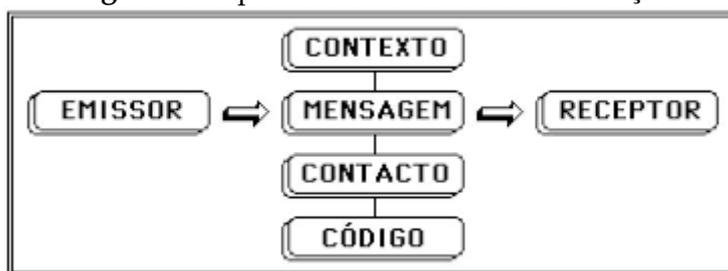
2.1 Do discurso

Esta seção tem como uma das maiores preocupações a conceituação de *discurso*, basilar em AD. Contudo, antes de explorar o conceito, faz-se necessário discutir a noção de língua. Para o genebrino Saussure, a língua é um produto social da linguagem, enquanto a fala é o uso individual da língua; diferentemente da AD, em que a língua precisa da fala e do sujeito para se constituir. Para a AD, a língua é a materialidade do discurso e produz sentidos na relação do sujeito que é interpelado pela ideologia, sendo, assim, indissociável do histórico e do social. Se a língua se materializa na relação de um sujeito que tem a ilusão de si mesmo como um ser capaz de controlar seus dizeres, tem-se a crença desse sujeito de que o sentido que ele produz através da língua é claro e transparente, o que, em verdade, é, também, uma ilusão. Nesse sentido, na AD, a língua é opaca e carregada de múltiplos sentidos.

De acordo com Orlandi (1999), o conceito de discurso se difere do esquema elementar da comunicação de Jakobson¹, representado a seguir, que se configura a partir de um remetente/emissor, um destinatário/receptor, um código, um contexto e uma mensagem:

¹ O teórico russo Roman Jakobson (1896-1982), em seu livro *Linguística e Comunicação*, descreveu os fatores constitutivos do processo linguístico representados no esquema elementar da comunicação.

Figura 1: Esquema elementar da comunicação



Fonte: Jakobson, 2007, p. 123

Para a autora, o discurso não é a transmissão de uma informação transparente e não se processa dentro da linearidade dos elementos da comunicação, em que o emissor recebe a mensagem que o receptor decodifica em sequência. Segundo a AD, o que ocorre no processo comunicativo não é simplesmente a transmissão de informação, pois a linguagem permite a relação entre “sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história” (ORLANDI, 1999, p. 21). Assim, muito além da transmissão de informação, ocorrem processos de “identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade, etc.” (ORLANDI, 1999, p. 22). Por isso, para Pêcheux, o sentido no discurso é “efeito de sentidos entre locutores” (apud ORLANDI, 1999, p. 22), sugerindo que, em AD, este não é “visto como uma liberdade em ato, totalmente sem condicionantes linguísticos ou determinações históricas, nem a língua como totalmente fechada em si mesma, sem falhas ou equívocos” (ORLANDI, 1999, p. 22).

Verificando, também, o discurso sob as concepções de Pêcheux, observa-se que ele não é um objeto primeiro e empírico, mas um objeto teórico em que se encontram questões linguísticas, históricas e subjetivas. Em outros termos,

[t]emos então a tríade língua, sujeito e história na constituição de discurso. Por tratar-se de uma materialidade linguística, e histórica, o discurso é o observatório das relações entre língua e ideologia. O discurso é material simbólico, [...] é confronto do simbólico com a ideologia (BRASIL, 2011, p. 176).

De tal modo, o discurso não é um objeto empírico porque o seu sentido é produzido e construído a partir de elementos históricos e efeitos ideológicos que permitem sua *significação*. O discurso, por se dar em um espaço histórico-social, é exterior à língua.

2.2 Do sujeito: ideologia, relações de sentido e esquecimentos

Esta seção objetiva, principalmente, esclarecer que o presente estudo adotou a concepção de sujeito desenvolvida por Pêcheux, o qual se baseou nas ideias de Althusser², e por Orlandi. Estes concordam que a ideologia interpela os indivíduos em

² Para o filósofo L. Althusser (1918-1990), os indivíduos se convertem em sujeitos porque estes são afetados pela existência social das ideologias e pelas práticas instituídas pelos Aparelhos

sujeitos. Assim, nega-se a concepção de um sujeito onipotente, que tem a si mesmo como origem ou causa, em prol de um sujeito que emerge da ideologia e do inconsciente.

Como explica Orlandi (1999), a ideologia pode ser percebida ao constatar-se que não há sentido sem interpretação, porém, a ideologia tem o poder de apagar a interpretação para que as formas materiais se apresentem como determinações históricas, imutáveis e naturais e, assim, partindo das evidências produzidas pela ideologia, é estabelecida uma relação imaginária entre o homem e “suas condições materiais de existência” (ORLANDI, 1999, p. 46). A ideologia produz a evidência do sentido e do sujeito e “aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido” (ORLANDI, 1999, p. 48). Portanto, a ideologia é necessária para a constituição do sujeito e dos sentidos, sendo ela, assim como o inconsciente, responsável pela ocultação de sua própria existência e ação, como explica Pêcheux, nas palavras de Orlandi (1999, p. 46):

partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências ‘subjéctivas’, entendendo-se ‘subjéctivas’ não como ‘que afetam o sujeito’, mas, mais fortemente, como ‘nas quais se constitui o sujeito’.

A evidência do sentido e também a evidência do sujeito funcionam através do esquecimento, pois a interpelação ideológica do indivíduo depende do apagamento da inscrição da língua na história para “que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido e a impressão do sujeito ser a origem do que diz” (ORLANDI, 1999, p. 48). Assim, o sujeito, ao imaginar-se discursando sobre uma determinada ideologia, está, na verdade, discursando através dela.

Para a autora, o sujeito de linguagem é descentrado, porque não tem controle sobre a forma como a língua e a história o afetam. “Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia” (ORLANDI, 1999, p. 20). O sujeito histórico é livre e submisso ao mesmo tempo, pois “pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la” (ORLANDI, 1999, p. 50).

Orlandi considera o Estado na individualização do sujeito. Dessa forma, “em um novo movimento em relação aos processos identitários e de subjetivação” (ORLANDI, 1999, p. 4), o Estado, suas instituições e sua formação social individualizam a forma histórica do sujeito, “produzindo diferentes efeitos nos processos de identificação, leia-se de individualização do sujeito na produção dos sentidos” (ORLANDI, 1999, p. 4). Portanto, o indivíduo é o resultado de um processo referido ao Estado. Dessa forma, no caso do capitalismo, o indivíduo é livre de coerções e responsável e responde como um sujeito jurídico com direitos e deveres. Logo, a autora considera equivocada a ideia pragmática de que o sujeito é

Ideológicos do Estado. Assim, a ideologia não existe sem o sujeito e nem o sujeito existe sem a ideologia. (CHAGAS, 2012, p. 5).

individualizado em sua origem, pois isso descartaria o simbólico, o histórico e a ideologia que provocam a interpelação do sujeito em indivíduo.

A partir, também, do conceito de esquecimento, pode-se chegar, primordialmente, à conclusão de que os sentidos não são produzidos pelo sujeito, mas sim em outro lugar, anterior e externo a ele. Este, que pode ser chamado de “esquecimento ideológico”, diz respeito ao inconsciente e aponta para como o sujeito é afetado pela ideologia e pela sua inclusão na língua e na história, assim,

[...]quando nascemos, os discursos já estão em processo e nós que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. (ORLANDI, 1999, p. 35)

O esquecimento ideológico é responsável, portanto, por dar a ilusão ao sujeito de que ele seja o precursor de seus dizeres, quando, na verdade, todos os dizeres já existiam antes, predeterminados, e estão sendo apenas retomados de uma maneira reconfigurada, não estando à mercê da vontade do sujeito do discurso.

A predeterminação do discurso, no entanto, é fundamental na construção dos sentidos e, conseqüentemente, na construção dos sujeitos, “por isso é que dizemos que o esquecimento é estruturante” (ORLANDI, 1999, p. 36). A falsa impressão de autonomia não é um aspecto negativo na AD, mas, pelo contrário, é essencial para que a linguagem se efetive na interação dos sujeitos e na produção dos sentidos no discurso.

Os sujeitos ‘esquecem’ que já foi dito -e este não é um esquecimento voluntário- para, ao se identificarem com o que dizem, se constituírem em sujeitos. É assim que suas palavras adquirem sentido, é assim que eles se significam retomando palavras já existentes como se elas se originassem neles e é assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimento, significando de muitas e variadas maneiras. (ORLANDI, 1999, p. 36)

De acordo com a autora supracitada, é possível constatar, então, que as ilusões não são defeitos, elas são, em realidade, parte do mecanismo que constitui os dizeres em termos de significados, dando forma e caracterizando o sujeito a partir do momento em que ele se apropria de determinado discurso e o molda à sua forma de se expressar.

Há, ainda, o esquecimento que diz respeito à enunciação. Quando o sujeito diz, ele escolhe determinados termos e determinadas palavras em detrimento de outros. Assim, o sujeito fala de um determinado modo, e não de outro. Sempre existe a possibilidade de se dizer o que se quer dizer de uma outra maneira, mas, ao escolher uma alternativa de dizer, o sujeito está excluindo outras alternativas do eixo das paráfrases. E o não dito, as palavras não escolhidas também agregam muitos significados no discurso, mesmo que, na maioria das vezes, o sujeito não seja consciente disso.

Este “esquecimento” produz em nós a impressão da realidade do pensamento. Essa impressão, que é denominada ilusão referencial, nos faz acreditar que há uma relação direta entre o pensamento, a linguagem e o mundo, de tal modo que pensamos que o que dizemos só pode ser dito com aquelas palavras e não outras, que só pode ser assim. (ORLANDI, 1999, p. 35)

Orlandi (1999), contudo, pontua que esse é um esquecimento parcial, pois, muitas vezes, o sujeito volta sobre ele e recorre ao eixo das paráfrases para melhor especificação e expressão dos dizeres. Ainda, o modo de dizer não é indiferente aos sentidos, ou seja, o sentido almejado sempre será fator determinante na escolha das palavras usadas no discurso, ainda que inconscientemente.

2.3 Das condições de produção e formações imaginárias

O imaginário é, segundo a AD, o componente que faz mediação das relações do sujeito com suas condições de existência. Assim sendo, todos os “mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos formações imaginárias”. (ORLANDI, 1999, p. 40). Nessa direção, o que funciona nos processos discursivos é um conjunto de formações imaginárias que evidenciam o lugar que os sujeitos projetam para si mesmos e para o seu interlocutor, bem como a imagem que eles projetam de seu próprio lugar e do lugar do outro no discurso. Esses lugares, essas imagens estão o tempo todo presentes nos discursos.

Assim, não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem passar das situações empíricas _os lugares dos sujeitos_ para as posições dos sujeitos no discurso. (ORLANDI, 1999, p. 40)

Em outras palavras, a questão do imaginário e das formações imaginárias é, em AD, mais especificamente como “a imagem que se fazem uns dos outros os participantes do diálogo” (PÊCHEUX; FUCHS *apud* LORENCENA, 2011, p. 77).

No tangente às condições de produção, há de se entender que, sob os princípios da AD, o locutor (sujeito) não domina exclusivamente o dizer. Assim, o dizer está muito mais subordinado às condições em que é produzido e intimamente ligado a outros dizeres. Portanto, o discurso é resultado de relações sociais, do contexto histórico vivido, assim como é regido pelo meio e pelo que pode ou não ser dito, isto é, o conjunto de regras e normas das condições de produção também rege o discurso.

É importante salientar, ainda, que os sujeitos, a situação e também a memória compõem a produção do discurso. Orlandi (1999, p. 30) delimita que

[...] podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se considerarmos em sentido amplo, as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico.

O imaginário, a forma que o sujeito se significa, se constitui e também as condições de produção na qual se dá o discurso configuraram importante direcionamento às análises do presente trabalho, já que representam apontamentos decisivos ao se considerarem os relacionamentos, as projeções e os discursos no ambiente virtual.

2.4 Do ciberespaço e sua capacidade de integrar diferentes vozes

Ao se falar das condições de produção como elemento primordial em AD, há que se considerar o ambiente virtual como um meio integrador de vozes e de dizeres plurais e também há que se enxergar a internet como sendo a principal responsável pela expansão da comunicação, comunicação essa permeada por particularidades e peculiaridades no tangente às condições de produção do sujeito virtual. Por esse motivo, esta seção tem como intuito apresentar alguns conceitos de Pierre Lévy, um filósofo francês e grande entusiasta no que diz respeito ao poder da Internet como instrumento de democratização do conhecimento e da comunicação. Considerado por muitas pessoas como sendo um otimista, o autor evidencia que seu otimismo não se baseia no fato de que a internet poderá resolver todos os problemas socioculturais do planeta. Para Lévy (1999, p. 11), esse otimismo reconhece dois fatos:

em primeiro lugar, que o crescimento do ciberespaço resulta de um movimento internacional de jovens ávidos para experimentar, coletivamente, formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas nos propõem. Em segundo lugar, que estamos vivendo a abertura de um novo espaço de comunicação, e cabe apenas a nós explorar as potencialidades mais positivas deste espaço nos planos econômico, político, cultural e humano.

Seria, então, a cibercultura³ a expressão do surgimento de uma nova configuração universal, diferente de todas as formas culturais e de todas as formas de comunicação de que se tinha conhecimento até então. Assim, mesmo resguardando-se pela ciência de que nem tudo que se faz nessa nova rede digital seja benéfico, deve-se reconhecer as grandes mudanças que as novas redes de comunicação trazem para a vida social, econômica, política e cultural e, principalmente, ater-se às novas possibilidades discursivas que se desenham nesse espaço. Para o autor, “a cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer” (LÉVY, 1999, p. 15).

O autor faz referência ao que seria um “novo dilúvio”, um dilúvio informacional, causado pelos avanços tecnológicos das telecomunicações, em que se destaca o advento da internet e descreve três princípios que orientaram o crescimento

³ Lévy (1999, p. 17) conceitua cibercultura como “o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço”.

inicial do ciberespaço: a interconexão, a criação de comunidades virtuais e a inteligência coletiva. A interconexão é a pulsão mais forte da origem do ciberespaço.

Para além de uma física da comunicação, a interconexão constitui a humanidade em um contínuo sem fronteiras, cava um meio informacional oceânico, mergulha os seres e as coisas no mesmo banho de comunicação interativa. A interconexão tece um universal por contato. (LÉVY, 1999, p. 127).

Diante da imagem e do conceito deste que é chamado “novo dilúvio” ou “segundo dilúvio”, ou ainda, o “meio informacional oceânico” por Lévy, há o empréstimo de uma metáfora que utiliza a arca de Noé:

quando Noé, ou seja, cada um de nós olha através da escotilha de sua arca, vê outras arcas, a perder de vista, no oceano agitado da comunicação digital. E cada uma dessas arcas contém uma seleção diferente. Cada uma quer preservar a diversidade. Cada uma quer transmitir. Estas arcas estarão eternamente à deriva na superfície das águas. (LÉVY, 1999, p. 15)

Ao contrário da operação de salvamento bíblica realizada por Noé, na qual tudo aquilo que não foi resgatado se afogou, no novo dilúvio todos os indivíduos são resgatados e salvos, pois, no dilúvio de informação, não há apenas uma arca, e sim várias (LÉVY, 1999).

Assim, no tocante a esse novo ambiente, o que o autor francês pontua que merece maior atenção e destaque no presente trabalho é a capacidade que o ciberespaço tem de integrar diferentes vozes, de possibilitar uma pluralidade de dizeres, em que cada sujeito atuante nesse meio possa desenvolver seu papel, tornando-se emissor e contribuindo para o dilúvio de informações, de significações e de discursos.

Lévy (1999, p. 127) diz que “as comunidades virtuais são construídas sobre afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos, em um processo mútuo de cooperação e troca”, e também menciona que “a moral implícita da comunidade virtual é em geral a da reciprocidade”. (LÉVY, 1999, p. 128).

O autor também ressalta o que ele intitula de “inteligência coletiva”, que nada mais é do que uma inteligência compartilhada, pois ela surge a partir da colaboração de vários indivíduos. Segundo Lévy (1999, p. 129), “é uma inteligência distribuída por toda parte, na qual todo o saber está na humanidade, já que, ninguém sabe tudo, porém todos sabem alguma coisa”.

Considerando, enfim, o ciberespaço como ambiente escolhido para análise do estudo desenvolvido neste trabalho, faz-se necessário ponderar que ele, em teoria, aceita todos os sujeitos e todos os discursos, já que qualquer indivíduo, independentemente de sua posição social, cultural e/ou geográfica, pode difundir por meio da rede qualquer tipo de informação que considere digna de despertar interesse. Porém, a Análise de Discurso aponta que, mesmo “que a rede abrigue uma pluralidade de ideias, de pontos de vista, isso não é suficiente para que haja uma democratização

dos discursos” (MELO⁴, 2004, p. 2). Portanto, o fato de as ideias e dos dizeres estarem ali depositados não é o suficiente, é preciso que haja circulação daquelas e destes para que possam repercutir e tomar forma, entrando, dessa maneira, no segmento do discurso, não se perdendo na vastidão do oceano das informações virtuais.

2.5 Das considerações a respeito do portal UOL e dos comentários selecionados

Conforme exposto nos procedimentos metodológicos, a seleção do *corpus* da pesquisa foi obtida a partir dos três comentários com maior número de reações de usuários da página feitos à notícia mais lida do dia 5 de maio de 2017 até às 19h40, no portal UOL, por ser esse o site de maior expressão brasileira em termos de acesso e de envio de comentários por usuários.

3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa foi desenvolvida a partir de informações obtidas por meio de revisão bibliográfica. A primeira etapa constituiu-se em um levantamento de referências teóricas que tiveram como fonte livros, artigos, páginas e portais da internet, revistas especializadas e publicações científicas, além de teses e dissertações disponibilizadas em meios escritos eletrônicos. Os autores lidos na etapa de levantamento foram, principalmente, Lévy (1999), Pêcheux (2011) e Orlandi (1999).

O objetivo do levantamento foi analisar a produção científica já realizada acerca do tema abordado neste artigo, tema este que discorre tanto sobre o ciberespaço enquanto ambiente integrador de diferentes vozes, sujeitos e discursos, como também sobre a teoria da Análise de Discurso, cujos princípios foram aparato para o estudo do *corpus*. Este último, por sua vez, teve sua materialidade constituída por comentários extraídos de publicações de um famoso portal brasileiro de notícias online. A extração de tais comentários configurou a etapa posterior do desenvolvimento desta pesquisa.

Os comentários foram submetidos a uma observação de posições e extração de significação amparada teoricamente pela análise de discurso de linha francesa, uma vez que a pesquisa desenvolvida teve como objetivo se aprofundar na compreensão da comunicação que é estabelecida em um determinado meio virtual, partilhada por diferentes sujeitos, portadores de diferentes vozes e discursos, e regida por determinados termos de uso da plataforma de notícias, entre outras possíveis variáveis.

Em prol da busca por imparcialidade na seleção dos textos de onde se obteve o objeto da pesquisa, extraíram-se os três primeiros comentários com maior número de reações de usuários da página feitos à notícia mais lida do dia 5 de maio de 2017 até às 19h40, em um dos portais de notícia de maior acesso no Brasil que permite comentários de leitores em suas publicações: o portal UOL, tal como se averiguou de acordo com a

⁴ Professora Adjunta do Departamento de Comunicação Social da UFPE; doutora em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP.

página Alexa⁵ (<http://www.alexa.com>). A notícia selecionada por esses critérios se intitula: “Moradores de Viana negam origem indígena de feridos em confronto”.

Assim, escolhido o *corpus* de análise, os pesquisadores do presente trabalho consideraram os princípios e procedimentos da AD explanados por Orlandi (1999), com o propósito de levantar (ou tentar levantar) as possíveis significações por trás dos dizeres dos sujeitos virtuais. Para tal propósito, os pesquisadores analisaram os dizeres a partir da materialidade linguística, bem como a partir do não dito levando em consideração as condições de produção dos dizeres, a contextualização histórica, política, social e ideológica, as relações de sentidos e seus efeitos, a posição e a formação discursiva e os movimentos de antecipação do sujeito virtual.

4 Análises

A perspectiva de Lévy (1999) permite encarar a virtualização como um processo que verteu a comunicação em uma contínua rede de interconexões. A partir do diálogo virtual, não existe mais lógica geográfica, nem noção de espaço empírico e lugar, assim, cada conectivo dessa rede faz parte de um todo e, ao mesmo tempo, de um nada. Desse modo, na presente análise, essa noção de não haver um território permeia as relações interpessoais e agrega novos e diferentes sentidos aos discursos entre sujeitos virtuais, já que a relação do eu com o outro passa a ser uma relação do imaginário, pois essas relações se constituem em bases irreais. Com isso, amparado no que diz a AD, pode-se notar que o sujeito virtual se projeta em seu discurso, pois é o seu comentário que garante sua materialização e sua significação enquanto sujeito, e seu discurso, em sua concepção, direcionará a imagem que o outro formará no ato da comunicação.

Os pesquisadores deste trabalho ocupam, de maneira metalinguística, também, o papel de interlocutor, ou do outro que recebe o discurso. Ao analisar o *corpus* selecionado, ao observar os mecanismos de cada comentário, cada pesquisador tentou enxergar a imagem projetada (consciente ou não) de cada sujeito virtual em seus discursos materializados no portal UOL.

4.1 Moradores De Viana (MA) Negam Origem Indígena De Feridos Em Confronto

O *corpus* analisado trata de três comentários mais populares que integram a notícia “Moradores de Viana (MA) Negam Origem Indígena De Feridos Em Confronto”, a qual reporta um debate levantado entre os moradores da cidade após a repercussão da violência do confronto entre indígenas e moradores da zona rural de Viana. Eis a questão levantada por eles: quem são esses indígenas que teriam surgido do nada e que são desconhecidos na região?

⁵ A Alexa é a pioneira mundial no fornecimento de dados estatísticos globais sobre o tráfego dos usuários em páginas da internet. Segundo a empresa (Alexa, 2017), sua ferramenta analítica oferece uma mensuração em forma de um ranking de páginas e portais mais acessados no mundo ou em um determinado país que é calculada por uma metodologia própria que estima a média de visitantes diários únicos e o número diário de pageviews em cada portal ou página nos últimos três meses.

Diante de tal notícia, o comentário mais popular foi: “Não são índios. São apenas brasileiros fazendo o que sabem fazer de melhor: se aproveitar das leis e levar vantagem. E, obviamente, sem ter que trabalhar”. O comentário foi feito por um usuário de nome virtual *GabrielSchieza*. Ao materializar seu discurso, o usuário projeta-se como o “dono” de uma opinião que está em concordância com o discurso apresentado na primeira parte da reportagem, em que os moradores do Distrito de Viana afirmam que os índios se autodeclararam como tais e que, ainda segundo os moradores, na verdade, nunca houve índios ali, assim sendo, os autodeclarados índios na verdade “não têm nada de indígena”. Através do ato de concordar com os moradores, o comentarista repete o que foi dito por estes, por intermédio de palavras que significam o mesmo, mas em palavras resumidas e diretas: “Não são índios”, ilustrando a máxima de que “não há sentido sem repetição” (ORLANDI, 1999, p. 38).

Concordando com o ponto de vista defendido pelos moradores, o que transparece no comentário é o fato de o usuário ignorar que, segundo servidor da Funai maranhense, citado ao final da notícia, para que sejam reconhecidos (ou não) como índios são necessários três elementos: a autodeclaração, o reconhecimento de outras tribos e a historicidade. As opiniões dos moradores de Viana não são, diante disso, garantia suficiente de não reconhecimento. Ou seja, o sujeito do discurso, a partir da afirmação enfática “Não são índios”, produz um efeito de sentido que dá a impressão de que ele está convicto da verdade desse fato, e isso se dá (muito provavelmente e inconscientemente) graças à série de argumentos apresentados pelos moradores ao longo da notícia e à ideologia pela qual o sujeito se significa. *GabrielSchieza*, logo, se posiciona diante da questão levantada, caracterizando seu dizer como campo de disputa ideológica.

Após seu posicionamento, o sujeito parte do micro para o macro: a partir de uma questão específica que envolve cidadãos específicos, ele generaliza a situação, colocando a atitude (negativa) dos índios autodeclarados (que para ele não são índios!) no mesmo patamar das atitudes comuns aos brasileiros. “São apenas brasileiros fazendo o que sabem fazer de melhor: se aproveitar das leis e levar vantagem”. Por trás dessas palavras, há uma série de significações atravessadas por questões históricas e sociais. Nelas, o sujeito é interpelado pela ideologia difundida no imaginário dos brasileiros, ideologia esta que sugere que o brasileiro, de forma geral, tem por costume aproveitar-se das “brechas” que a lei dá, e que a lei, por sua vez, é vulnerável e passível de ser manipulada com o fim de que dela se tire vantagens.

Finalmente, ao dizer “E, obviamente, sem ter que trabalhar”, parte da fala que, por ter sido iniciada com “E” após um ponto que finaliza a frase anterior, surte a impressão de que se trata de uma ideia adicional que complementa o discurso que já fora concluído. O sujeito emite outra expressão que salienta seu nível de convicção diante do que está sendo projetado (“obviamente”), assim, o efeito de sentido por trás da palavra supostamente almeja desenhar a imagem de um sujeito seguro de seus dizeres, confiante na plena veracidade e força do seu discurso. Tal segurança projeta uma naturalização do exposto, como se a “aversão ao trabalho” fosse característica intrínseca e incontestável do brasileiro, o que ainda sugere que essa condição está tão bem delineada e cômoda no imaginário popular que o próprio cidadão brasileiro se sente confortável em discursar sobre ela se excluindo dessa realidade, ou por

esquecimento de pertencer a essa cultura, ou por se colocar acima dessa cultura. É pertinente lembrar, no entanto, que o sujeito virtual, por não pertencer a um lugar empírico, pode se colocar em qualquer posição, estando acima de seus próprios julgamentos e de suas próprias significações projetadas. Assim, é possível afirmar que depreciar o povo brasileiro por meio de seus dizeres pode ser visto como uma manobra discursiva que mostra a não identificação do “eu”, sujeito do discurso, com o “outro”, objeto do discurso.

O segundo comentário mais popular a essa notícia foi “Criou-se no Brasil o ‘direito’ de ir e invadir terras, é assim com o MST e tb com os índios. Isto não existe, é um roubo e a polícia deveria atuar imediatamente. Absurdo!!!!”. O comentário foi feito por um usuário de nome virtual *Flavius67*. Ele inicia seu discurso por meio do termo “Criou-se” e esse uso do verbo com o pronome reflexivo torna a ação impessoal, o que possibilita o levantamento da seguinte questão: quem criou? Assim, o sujeito discursivo não deixa claro (inicialmente) quem executou o ato de criar “no Brasil o ‘direito’ de ir e invadir terras”. O uso das aspas também significa muito; elas, no contexto referido, exprimem ironia. Assim, a palavra “direito”, ao ser envolta pelas aspas e aliada a um suposto ato de criação sem seguridade de origem, tem sua gênese desqualificada. A primeira metade desse comentário já produz, em sua totalidade, dois efeitos de sentido: primeiramente, o sentido imediatista de que um direito que goza de criação indeterminada e indiscriminada é ilegítimo e, secundamente, o sentido de que esse direito é, paradoxalmente, um direito que fere a lei, já que também está aliado à palavra “invadir”, que é fortemente estigmatizada por seu uso no curso da história, já que representa o ato de apoderar-se, entrar e ocupar um lugar pela força.

Ainda sobre a primeira metade do comentário, é possível identificar o uso da memória discursiva, já que o termo “direito de ir e invadir” sugere uma menção ao Art. 5 da Constituição Federal de 1988, que fala do “direito de ir e vir”, ou seja, o sujeito de discurso cria um jogo de palavras ao mesmo tempo em que deturpa a noção de direitos e de leis. O interlocutor que significar o presente discurso identificando tal alusão muito provavelmente projetará no outro a imagem de sujeito dotado de sagacidade e entendimento e, paralelamente, o “eu” do discurso possivelmente projeta que, para que se perceba tal movimento discursivo, há também que se fazer o uso do entendimento e da sagacidade. Essa manobra reforça a designação primeira de discurso: efeito de sentido entre sujeitos.

Sobre o termo “é assim com o MST e tb com os índios”, no qual o sujeito usa abreviação característica de seu meio virtual, já é possível identificar a presença do outro como objeto do discurso, pois o usuário direciona e relaciona o direito ilegítimo à invasão a dois grupos sociais: o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que é um movimento de ativismo político e social brasileiro, e os Índios, que, em verdade e de forma genérica, não fazem, explicitamente, parte de movimento ativista.

A relação entre os dois grupos evidencia que, na memória do sujeito virtual emissor do discurso, existe ideologicamente a concepção de que estes estão ligados, depreciativamente, ao histórico de ocupação, invasão e posse indevida. Curiosamente, o discurso desconsidera a questão histórica da situação dos índios no Brasil. Sabe-se que, desde a época da colonização, o índio esteve em posição contrária à assinalada no comentário, já que, sendo, em teoria cada vez mais aceita, os primeiros habitantes e

legítimos donos dos solos brasileiros, ainda assim foram dominados, dizimados e tiveram seu espaço cada vez mais reduzido territorialmente e cada vez mais anulado socialmente.

“Isto não existe, é um roubo e a polícia deveria atuar imediatamente” é a frase que compõe a segunda parte do discurso. Com tais dizeres, o sujeito se posiciona de forma negativa em relação à situação reportada na notícia e ao exposto na primeira parte de seu próprio comentário. O sujeito se significa através de seu discurso, afirmando de forma enfática que não existe a lei que ele julga criada de forma inautêntica, podendo-se traduzir em seus dizeres que não há um direito que normatize o ato da invasão. Invasão, portanto, na projeção do comentarista, é um crime e, diante de tal constatação, faz-se necessária a urgente intervenção da polícia a fim de que se estabeleça a ordem. O segundo dizer de *Flavius67*, portanto, tem relação com outros dizeres realizados dentro de seu próprio discurso e dentro do imaginário.

O usuário arremata seu discurso com a expressão “absurdo!!!”. Há, visto o uso de três pontos de exclamação, a intenção de se realçar e destacar bem esse termo que vem sendo largamente utilizado pelas pessoas em seus discursos. A palavra “absurdo”, num primeiro momento, projeta um efeito de indignação por parte do falante, porém, ao buscar-se o seu sentido no dicionário, constata-se que absurdo corresponde a disparate, significando o oposto de razão, de senso comum e de lógica. Ora, tanto o relato da notícia quanto o relato do “direito à invasão”, ironizado pelo dono do comentário, podem ser explicados de forma lógica e racional a partir de indícios históricos, sociológicos, linguísticos e políticos. Isso acarreta a possível conclusão de que, ao longo do curso da história e da interação social, os sujeitos têm em seu imaginário uma projeção de significado que vem modificando o sentido e o uso da palavra “absurdo”, sendo ignorado o sentido do dicionário em prol do sentido pragmático desta.

Por fim, o terceiro comentário mais popular à notícia “Moradores De Viana (MA) Negam Origem Indígena De Feridos Em Confronto” foi “Eu também sou índio e quero minhas terras! Desse jeito fica fácil ganhar terras”. O comentário foi feito por um usuário de nome virtual *Visitante*. O seu comentário é permeado pela marca da ironia e atravessado por questões históricas que delimitam o fato de que, sob grau de maior ou menor distância, praticamente todo cidadão brasileiro possui descendência indígena, se for considerado o fato de que a formação de nossa população se deu, em grande parte, por meio de misturas entre índios, portugueses e negros.

Também é notada a relação direta do comentário com a notícia, já que esta última, em um primeiro momento, reportou alegações de moradores as quais diziam que os autodeclarados índios na verdade não eram índios e, ainda, que esses autodeclarados tratam-se de moradores da cidade de Viana, civilizados, alguns deles inclusive já portadores de terras. O sujeito do discurso posiciona-se, portanto, de modo a concordar com os argumentos dos moradores da comunidade, desacreditando na possibilidade dos autodeclarados serem índios.

O discurso em questão chama a atenção pelo fato de se significar por meio do não dito. Ao afirmar ironicamente ser um índio e reivindicar terras para si, o sujeito do discurso está se autodeclarando, ou seja, repetindo a manobra utilizada pelos supostos índios retratados na notícia. Ao dizer dessa forma, o não dito que emerge e significa

para o interlocutor por intermédio da ideologia seria o correspondente a “Qualquer um pode se autodeclarar índio” e ainda “Esses índios são dissimulados e só estão se autodeclarando índios para se apossar de terras”. Em AD, o não dito significa tanto ou mais que o dito, e esse mecanismo direciona um processo de argumentação que visa surtir seus efeitos sobre o interlocutor.

O uso de mecanismos como o citado anteriormente projeta, aparentemente, a ilusão de que o sujeito tem domínio sobre seu discurso e sobre seus efeitos de sentido, mas a AD delimita que, na verdade, isso se trata realmente de uma ilusão, visto que tanto o discurso quanto o sujeito são interpelados e significam por meio da ideologia.

5 Considerações finais

O presente estudo se propôs a levantar as possíveis significações existentes nos discursos dos sujeitos virtuais, amparando-se nos princípios e procedimentos da AD. Ao extrair o *corpus* de análise nos comentários à notícia em destaque no site UOL, puderam-se verificar possíveis tentativas de projeção e de intenção dos sujeitos virtuais, bem como determinados mecanismos utilizados pelo sujeito virtual na sua tentativa de se significar por meio do dizer.

Nos comentários analisados, foi notória a constante intervenção da memória e da ideologia para a significação dos dizeres que se desenharam. A notícia possibilitou o desenvolvimento de discursos atravessados pela história e pelo imaginário no campo dos comentários. Além disso, na maioria dos discursos construídos, o “eu” se posicionou de modo a não se identificar com o “outro”, objeto do discurso. Essa “não identificação” evidencia um sujeito exterior ao seu próprio dizer, e esse posicionamento se deve, em grande parte, ao fato de que o sujeito virtual, por não se constituir em um ambiente empírico, real, pode se projetar a partir de qualquer posição, estando, na maioria das vezes, numa perspectiva acima ou à margem de suas próprias críticas e de suas próprias significações projetadas. Assim, o sujeito virtual parece antecipar-se de maneira resoluta e convicta, mostrando segurança nos dizeres, esperando ter controle na imagem que transmitirá através de seu discurso, esquecendo-se que, como pontua a AD, o sujeito não é livre ou independente em relação ao que diz, já que o seu dizer é interpelado pela ideologia.

O senso comum, as teorias, palavras, forças de expressão e verdades convencionadas pelo imaginário social e pelo uso no curso da história também são uma constante, permeando os discursos materializados nos comentários. Em dados momentos da fala, os usuários se utilizaram tanto de proposições historicamente fatídicas para reforçar seus discursos, quanto de fatos sem comprovação ou evidência de se tratarem de possibilidades reais. A AD teoriza que a ideologia faz com que fatos não comprovados ou não verídicos se convertam em determinações históricas, imutáveis e naturais no imaginário do sujeito, a partir do momento em que este último tem sua interpretação apagada ao assumir como verdadeiros e naturalizar, em seu discurso, fatos que são desconhecidos pela história oficial, desde que estes produzam sentido e pareçam dar suporte ao discurso, reforçando-o.

Outro ponto a se destacar nas análises do presente artigo é o não dito significando e sempre dizendo por trás do dito. Ao escolherem dizer de determinada

forma e não de outra, os sujeitos dos discursos em questão evidenciaram significações e possíveis efeitos de sentido puderam ser identificados. É importante lembrar, contudo, que os sentidos não partem do sujeito, mas sim de outro lugar, anterior e externo a ele, por isso a forte presença do social, do histórico, do cultural e do ideológico nos comentários.

Ainda no tocante à observação dos comentários sob a perspectiva das teorias da AD, foi possível constatar que os discursos materializados no ambiente virtual ilustraram bem que o dizer está, de fato, muito mais subordinado às condições em que é produzido e muito mais intimamente ligado a outros dizeres e a outros determinantes externos que subordinado às vontades e antecipações do sujeito.

Este estudo, portanto, mostrou-se importante ao evidenciar que os princípios da Análise de Discurso são suporte teórico que auxiliam na compreensão dos fenômenos verificados em comentários às cibernotícias. O ambiente virtual, com seus novos parâmetros de comunicação entre sujeitos, propicia um ambiente de produção em que os procedimentos da AD se tornam aparato teórico importante para que se realize a análise e se tente extrair as possíveis significações contidas nos discursos tecidos nessa vasta rede dialógica. O ciberespaço, não sendo espaço empírico, mas espaço virtual no qual o sujeito se materializa através de seus comentários, se mostrou, de fato, ambiente propício à integração de diversas vozes e de dizeres plurais. Tal confirmação reforça a evidência de que muito há que se pesquisar, analisar e observar nesse território mais que propício ao exercício da comunicação.

Referências

BRASIL, L. L. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. *Linguagens – Estudos e Pesquisas*, Catalão, Vol. 15, n.01, 2011, p. 171-182.

CHAGAS, Arnaldo Toni. *O sujeito ideológico na perspectiva de Louis Althusser – o assujeitamento*. Psicologia.pt. 2012.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Cost. São Paulo: Editora 34, 1999.

LORENCENA, Evanildes. O imaginário social na representação de sujeitos virtuais. *Revista ContraPonto*, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 70-86, jul. 2011.

MELO, C. T. V. A análise do discurso em contraponto à noção de acessibilidade ilimitada da Internet. In: MARCUSCHI, Luis Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (org). *Hipertexto e gêneros textuais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

NOTÍCIAS. In: UOL. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/05/05/moradores-de-viana-ma-negam-origem-indigena-de-feridos-em-confronto.htm>> Acesso em: 05 maio 2017.

ORLANDI, E. P. *Análise de discurso: princípios e fundamentos*. Campinas: Pontes, 1999.

REGRAS UOL. Disponível em: <regras.uol.com.br> Acesso em: 10 maio 2017.